

## TIO BUN

### JAN NATIONS

Tio Bun era uma pessoa fascinante. Não nos visitava com frequência, mas ao ir a nossa casa quando eu era criança, nos anos quarenta e cinquenta, tudo ficava diferente durante o tempo que passava conosco. Éramos oito filhos e a maior parte de nossa diversão vinha de fazer tortas de lama, brincar com vaga-lumes e com outros insetos que surgiam no verão, além de construir casas de boneca no antigo galinheiro.

Para nós, tio Bun era um viajante que rodava o mundo.

Quando vinha nos visitar, contava histórias sobre os lugares em que estivera e as pessoas que conhecera. Fazia todos nós vermos a vida sob uma nova perspectiva. Normalmente trazia um presente maravilhoso para cada um e, às vezes, íamos até a pequena loja no centro da cidade e ele nos comprava um saco inteiro de balas de um centavo. O saco parecia enorme quando eu era uma garotinha.

Nunca sabíamos quando teríamos notícia de tio Bun. Eu atribuía isso ao fato de sua "carreira" - qualquer que ela fosse mantê-lo por demais ocupado para fazer planos. Às vezes, ao invés de nos visitar, enviava uma enorme caixa cheia de surpresas especiais, coisas que nunca tínhamos visto antes. Não existia maior felicidade do que abrir aqueles baús de amor feitos de papelão marrom.

Lembro que ficava imaginando como tio Bun deveria ser rico para poder nos comprar tantas coisas lindas. Não podia deixar de comparar aquele tio animado e generoso com meu próprio pai:

um homem simples, com uma vida simples, trabalhando nas minas de chumbo e fazendo pequenos consertos quando podia para manter um lar para sua mulher e filhos. Eu adorava papai e sabia que era um bom homem. Mas sua vida era sem nenhum glamour se comparada com a de seu irmão jovial, que tinha um brilho nos olhos, um largo sorriso e histórias fascinantes. Tio Bun sempre nos ligava um dia ou dois antes de chegar e, logo que papai desligava o telefone e nos contava que ele viria, ficávamos super agitados. Adorávamos tio Bun e esperávamos ansiosamente por aquela bem-vinda quebra de nossa rotina.

O que eu não sabia quando criança é que, quando tio Bun telefonava, papai ia até a cidade e mandava uma ordem de pagamento ao irmão com as economias que guardava. Cada centavo que tio Bun gastava conosco saía do bolso de papai.

Ao longo dos anos, as peças começaram a se encaixar: as muitas viagens de tio Bun eram feitas de trem, sem passagem, na traseira de vagões de carga. Suas histórias eram de pessoas que viajavam com ele, histórias que ele exagerava um pouco.

Nunca soube por que tio Bun escolheu viver como vivia ou por que meu pai manteve seu segredo durante todos aqueles anos.

O que sei é que, numa situação em que seria fácil ficar com o crédito, papai manteve um comportamento nada egoísta. Através de tio Bun, papai nos deu presentes de lugares onde nunca esteve.

E, através de nós, tio Bun participou da vida em família e recebeu o amor que não tinha na sua vida solitária. Com meu pai, que jamais disse uma palavra a respeito, aprendi tudo sobre o amor generoso e incondicional.